

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL-UFRGS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-FACED
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL-MEC**



ARIANE CAROLINA BOSCARDINI BITTENCOURT

PROIBIDO NÃO TOCAR.

**Encantamentos de uma proposta de
Instalação Sonora na Educação Infantil**



**PORTO ALEGRE
2014/1**

ARIANE CAROLINA BOSCARDINI BITTENCOURT

PROIBIDO NÃO TOCAR: Encantamentos de uma proposta de Instalação
Sonora na Educação Infantil

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito para obtenção do título em Especialista em Docência na Educação Infantil pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Jane Felipe

Co-Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Dulcimarta Lemos Lino

Aprovada em março de 2014.

Prof^a. Dr^a. Jane Felipe – Orientadora

Prof^a. Dr^a Dulcimarta Lemos Lino – Co- Orientadora

Prof^a. Dr^a. Simone Santos Albuquerque

Prof. Ms. Luiz Fernando de Souza

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Jane Felipe, que me deu total liberdade em minha pesquisa compreendendo meu interesse por este tema e aceitando-o, mesmo não sendo sua área específica de pesquisa, auxiliando-me sempre que necessário.

A Professora, amiga e co-orientadora deste trabalho, Dulcimarta Lemos Lino que novamente se fez presente durante minha caminhada de pesquisa e elaboração de mais um TCC.

A todos os profissionais da Escola Municipal de Educação Infantil Professora Zozina Soares de Oliveira que me apoiaram de diversas formas durante todo o curso de pós-graduação, em especial a equipe diretiva da escola que autorizou minha pesquisa e sempre compreendeu minhas necessidades, às colegas e amigas professoras que auxiliaram com ideias e incentivos nos momentos de cansaço, e principalmente as crianças que participaram espontânea e alegremente da Instalação.

A minha mãe que novamente transbordou de orgulho antes mesmo de concluído o trabalho.

As minhas Titis Queridas que foram minhas revisoras e leitoras críticas.

Ao John que mais uma vez participou, me cobrando quanto à elaboração do trabalho, auxiliando na confecção dos materiais e me apoiando sempre.

Ao Miu e ao Banguela que me distraiam quando necessário.

A minha família que sempre acreditou nas minhas capacidades.

Aos meus amigos que me incentivaram, compreenderam as ausências e sempre que viram algo relacionado à minha pesquisa colaboraram enviando materiais.

“a importância de uma coisa há de ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”.
(BARROS, 2010, p. 109)

RESUMO EM PORTUGUÊS

Este trabalho tem como temática a música na Educação Infantil, enquanto dimensão da linguagem. Amparada nos pressupostos teóricos do barulhar (LINO, 2008), da arte e da linguagem (RICTHER, 2005, 2008, 2013), aliada aos conceitos de Arte Sonora e Instalações Sonoras (CAMPESATO; IAZZETA, 2006) a música é aqui entendida como parte integrante das culturas infantis, devendo ser compreendida enquanto forma de manifestação da arte e uma das tantas dimensões da linguagem a ser desenvolvida na Educação Infantil. Para Lino (2008) o barulhar é a música das culturas infantis, a música das crianças é o seu brincar com as sonoridades dispostas no mundo. Richter (2005, 2008, 2013) traz os conceitos de arte e linguagem como uma experiência de pensamento, como diferentes modos de perceber o mundo tendo a arte o compromisso de educar para a sensibilidade, compreendendo a linguagem em suas múltiplas dimensões e não apenas restrita à ideia da oralidade, uma vez que todos nós nascemos com a capacidade de entrar em linguagem. Campesato e Iazzeta (2006) definem outros conceitos abordados nesta pesquisa, como o conceito de Arte Sonora, onde a arte tem o som como material de referência, trazendo um conceito de composição expandido, gerando um processo híbrido onde *som, imagem, espaço e tempo* se interpõem. A Instalação Sonora pode ser entendida como uma das manifestações da Arte Sonora, na qual o espaço da obra é parte da própria obra, em que um não se separa do outro, estando diretamente ligados assim como todos os elementos. Ao refletir sobre os conceitos de linguagem que estão presentes na escola de Educação Infantil e dando continuidade a uma pesquisa iniciada em 2011 com relação ao barulhar das crianças, foi possível construir um ambiente provocador e convidativo no espaço da escola para que elas pudessem brincar com os sons sem uma intervenção direta do adulto. Este foi um trabalho propositivo a partir de intervenções feitas no espaço, dando origem a uma Instalação Sonora denominada "*Proibido não tocar*", organizada na Escola Municipal de Educação Infantil Professora Zozina Soares de Oliveira, no município de Novo Hamburgo, oportunizando a todas as crianças da escola momentos em que elas pudessem brincar com os sons de forma mais espontânea e desafiadora. Foram construídos diferentes objetos sonoros para compor esta Instalação Sonora, dentre eles: Tonéis de aço com canos transpassados (para falar e ouvir), um paineleiro (similar a uma bateria utilizando painelas e latas), painel de madeira com canos dobráveis (confeccionado em conjunto com as crianças, com canos que ao serem puxados soam), uma cortina de sementes, dois tonéis menores um com porongos e outro com tampinhas de garrafa pet (para colocar as mãos) e os balangandãs (brinquedo confeccionado com papel crepom e jornal). Todos os materiais utilizados foram reciclados, doados, emprestados, não necessitando de grandes investimentos financeiros para que esta atividade fosse possível. Tais objetos ficaram disponíveis na galeria da

escola no dia da inauguração da Instalação e por mais duas semanas. Participaram todas as turmas de Educação Infantil, totalizando cerca de 65 crianças que passaram por *Proibido não tocar* envolvendo crianças de dois a quatro anos de idade. As análises realizadas nesta pesquisa referem-se à participação das crianças ocorridas no dia 29/11/2013 na inauguração da Instalação. Através das filmagens realizadas e da minha observação durante este momento de interação das crianças, optei por analisar seis narrativas sonoras que me mobilizaram. Meu objetivo com este trabalho é compartilhar uma reflexão em processo contínuo, estimulando os docentes que não possuem formação musical específica a trabalharem com suas crianças e seus barulhães. Nesse momento, surge a necessidade de ressaltar que o trabalho com música na escola de Educação Infantil não pode ser reduzido a cantar ou tocar um instrumento musical, mas sim compreender suas diferentes manifestações e conseguir trabalhar em parceria com as diversas formas de linguagem presentes na infância. A investigação concluiu que, por mais que se criem expectativas em relação à participação das crianças elas sempre acabam por nos surpreender, a partir dos desafios que lhes propomos. É de suma importância entender a continuidade desse exercício de escuta, reflexão e prática, pois ela possibilita ao docente trabalhar em parceria com a pluralidade de dimensões da linguagem que as crianças utilizam e expressam, compreendendo que estar no mundo é estar em linguagem e nela cabe a pluralidade de todos os sentidos que decidimos narrar do mundo. Percebendo que são essas ações aparentemente simples que provocam a sensibilidade da escuta e que a paixão de encontrar provocações pode ser um dos ensinamentos que a infância nos convida a escutar.

Palavras-chave: Barulhar. Educação Infantil. Instalação Sonora. Música.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 INSTALAÇÕES SONORAS.....	10
1.1 PROIBIDO NÃO TOCAR: O BARULHAR	13
1.2 PROIBIDO NÃO TOCAR: ESTAR EM LINGUAGEM	15
2 PROIBIDO NÃO TOCAR: COMPODO A INSTALAÇÃO SONORA.....	19
2.1 A ESCOLA	19
2.2 PROIBIDO NÃO TOCAR: A INSTALAÇÃO MONTADA	21
2.3 VISITA A INSTALAÇÃO SONORA DA ZOZINA: PROIBIDO NÃO TOCAR	29
3 DESCOBERTAS DO CAMINHO.....	31
3.1 QUANDO BARULHAR LEVA À COMPOSIÇÃO MUSICAL: COZINHEIRAS DA ALEGRIA.....	33
3.2 QUANDO O BARULHAR É REPETIR: CRIAR AÇÕES PODEROSAS	35
3.3 QUANDO BARULHAR LEVA A INVENÇÃO: JOGO DE IGUAIS.....	36
3.4 QUANDO BARULHAR REVELA A INTIMIDADE COM AS MATERIALIDADES EXPERIMENTADAS	38
3.5 QUANDO BARULHAR É DEVORAR A COLHEITA: GAFANHOTOS SONOROS	40
3.6 QUANDO PELO EXCESSO ME REFINO.....	42
4 ENCONTRAR PROVOCAÇÕES: UM CONVITE A ESCUTAR	44
REFERÊNCIAS.....	48
ANEXOS – AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM	52

INTRODUÇÃO

O presente projeto é reflexo contínuo de um estudo já iniciado em meu trabalho de conclusão da graduação no Curso de Pedagogia da UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) em 2011/2 intitulado: "Balangandã Sonoro: Uma sugestão de material didático para trabalhar o barulhar das crianças na Educação Infantil"¹. Na referida pesquisa empreendi um mapeamento dos materiais didáticos existentes para o trabalho com música na escola de Educação Infantil.

Embasada nos pressupostos teóricos investigados por Lino (2008), para quem o "barulhar" é a música da infância, acabei produzindo uma sugestão de material didático para as professoras e professores leigos em música, cujo, objetivo principal era oferecer subsídios para promover a escuta da música das crianças na escola.

Tal reflexão tem me acompanhado na vida de professora na escola de Educação Infantil. Nesse papel, tenho tentado dar continuidade ao emergente questionamento de conceitos e práticas escolares, mobilizando a compreensão da música na infância. Nesse contexto, vale sublinhar que, além de acolher "o barulhar" das crianças, ou seja, seu brincar espontâneo com os sons, e propiciar atividades que mobilizem as questões de uma escuta sensível e de um "ouvido pensante" (SCHAFER, 1991), um trabalho de música na Educação Infantil ainda exige dos/das docentes a utilização da música cotidianamente como uma linguagem de conhecimento em constante apropriação e complexidade.

Se o barulhar na infância é uma ação que surge espontaneamente da criança, cabe destacar que não basta apenas que nós, professoras, estejamos prontas a dirigir e propiciar atividades sonoras brincantes. O "barulhar" invade as brincadeiras infantis, atravessa a incompreensão

¹ Pesquisa realizada em meu Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação em Pedagogia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos

auditiva e pedagogizada dos adultos e acaba submisso às ordens sonoras impostas no cotidiano escolar. O que ocorre é que, aos poucos, as crianças se acostumam a "engavetar" seu "barulhar", entoando as canções que as professoras querem, ensinam e entoam quase gritando, repetindo um cancionário escolar desarticulado da expressão sonora infantil. Em muitas situações, as músicas utilizadas nas escolas servem apenas para conter os corpos infantis e estabelecer regras de bom comportamento.² Nesse momento, a "ignorância" musical de algumas professoras emerge, impondo espaços e tempos determinados para soar e silenciar; frutos de uma cultura enraizada pelo senso comum escolar.

No presente curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da UFRGS/MEC, um tema presente de discussão foi a organização de ambientes de aprendizagem que fosse propício às atividades infantis, ao brincar, ao comer, ao dormir etc. Refletimos sobre a organização de tempos e espaços para a infância, porém, como estes são pensados quando se trata das sonoridades do mundo, da vida, do meu corpo? Que lugar tais sonoridade ocupam na escola de Educação Infantil? Os espaços e tempos escolares, quaisquer que sejam, ou como sejam, soam de alguma forma, e esses soares vão compondo (mesmo que de forma inconsciente) nosso repertório sonoro, definindo modos e formas de ser e estar sonoramente no mundo.

Como viemos pensando o ambiente sonoro das crianças? Se brincar com sons é uma atividade espontânea na infância, como temos pensado o tempo e espaço sonoro escolar? Aqui não estou me referindo a propor um espaço para o ensino e/ou contato com instrumentos musicais tradicionais, onde as crianças aprendem a manipular um instrumento específico com a finalidade de produzir músicas (o que também é extremamente enriquecedor). Refiro-me aqui a um tempo e espaço institucionalizado onde as crianças possam explorar as sonoridades de sua paisagem sonora, experimentando seus elementos constituintes à medida que vivenciam diversas e múltiplas materialidades.

² Músicas como; "meu lanchinho", "a guardar a guardar cada coisa em seu lugar", entre outras.

Considero que, a vontade de continuar pesquisando a música na Educação Infantil, me possibilita aprofundar um campo de estudos ainda pouco explorado na Pedagogia, bem como perseguir questionamentos que ficaram abertos no percurso da primeira investigação. O presente projeto de investigação tem como objetivo propor um ambiente sonoro que provoque a interação da criança com as sonoridades cotidianas.

No primeiro capítulo deste trabalho, intitulado *Instalações Sonoras*, apresento os conceitos de Arte Sonora, Instalação Sonora, Barulhar e Linguagem, trazendo também a descrição dos materiais que foram utilizados para compor a Instalação Sonora da Escola Municipal de Educação Infantil Professora Zozina Soares de Oliveira³ e de que maneira esta foi organizada.

No segundo capítulo: Proibido não tocar: comendo a Instalação Sonora, apresento a metodologia utilizada nesta pesquisa, sendo que, este foi um trabalho propositivo e a partir de intervenções feitas no espaço, deu origem a Instalação Sonora denominada *Proibido não tocar*, organizada na Escola Municipal de Educação Infantil Professora Zozina Soares de Oliveira.

Descobertas do caminho é o terceiro capítulo deste trabalho, onde apresento e reflito acerca de algumas situações que se destacaram durante a visita das crianças à Instalação.

Por fim, apresento *Encontrar Provocações: Um convite a escutar*, momento no qual encontram-se minhas conclusões sobre o trabalho realizado, apontando ainda os limites do mesmo, desejando que a pesquisa nutra o cotidiano da escola e contribua para à prática docente na Educação Infantil.

³ Escola Municipal de Educação Infantil Professora Zozina Soares de Oliveira, localizada no município de Novo Hamburgo, as margens da ERS 239.

1 INSTALAÇÕES SONORAS

"Podemos pintar, cantar, fantasiar, fingir, METAMORFOSEAR, enfim... porque somos linguagem". (RICHTER⁴, 2013)

Historicamente a arte e sua contemplação estão diretamente ligadas à população burguesa e culta, tendo como espaço de organização e existência, até o final do século XIX, os museus. No século XX, com o aparecimento da arte moderna, surge a necessidade de aproximação das pessoas com a arte. Para isso, o museu deixa de ser um espaço organizado para a contemplação estática da arte e abre suas portas para o ambiente exterior.

Segundo Canton (2009), esta ocupação do espaço externo denomina-se *Land-Art*, uma forma de fazer arte que interfere na paisagem, em contraponto à paisagem paralisada no quadro, tão reconhecida pela Academia de Belas Artes. Nesse período, existiu todo um movimento dos artistas para mobilizar todos os sentidos do expectador. Isso porque, antigamente, as artes plásticas pertenciam à visão, à música à audição, e à literatura, embora dependesse da visão e/ou da audição, pertencia à razão: as artes pareciam caber nos limites dos sentidos.

A característica marcante da arte contemporânea é sua flagrante inconformidade com este esquema. No Rio Grande do Sul, temos o privilégio de conviver há dezoito anos com a 9ª Bienal do Mercosul. Nela temos experimentado uma multiplicidade de obras que mesclam música, artes plásticas e arquitetura, incorporando elementos não visuais. Como nos diz Tarek Atoui, "os sentidos não são ilhas. Não funcionam isoladamente. Eles conversam (e convergem) o tempo todo e frequentemente entram em conflito. Com a razão, inclusive." (9ª Bienal do MERCOSUL, 2013, p. 34)

⁴ RICHTER, Sandra Regina Simonis. **A creche como contexto de vida coletiva.** Palestra Curso de extensão, NEB UNISC – GT Educação Infantil/ Grupos de pesquisa LINCE/UNISC e GEIN/UFRGS. Santa Cruz do Sul, 18 de maio de 2013.

Ao unir gêneros artísticos que estão na fronteira entre a música e as outras artes, híbridos por excelência, surge a Arte Sonora. Preocupada com a utilização das sonoridades, a Arte Sonora tem o som como material de referência. Nela o conceito de composição é expandido gerando um processo híbrido onde som, imagem, espaço e tempo se interpõem. (CAMPESATO; IAZZETA, 2006)

A diversidade de abordagens do espaço e do tempo abrigadas no conceito de Arte Sonora alcança diferentes gêneros, mas boa parte de suas produções se realizam na forma de Instalações Sonoras e Esculturas Sonoras “nas quais a construção da obra ocorre em conexão com a construção de seu próprio espaço de existência.” (CAMPESATO; IAZZETA, 2006, p.776). Com os modos de produção artística estabelecidos, houve a inclusão dos elementos secundários ou mesmo inexistentes na criação musical tradicional. Naquela composição o som tinha um encadeamento essencialmente temporal. Na Arte Sonora o som não necessita estar preso ao encadeamento temporal, ele une outras fronteiras materiais como cor, luz, objeto, forma.

Por esta razão a composição musical toma um conceito expandido que ainda necessita ser melhor desenvolvido com os docentes. Na escola, quando pensamos na música, geralmente nos remetemos a um tipo específico de composição, encadeada temporalmente onde a melodia, o ritmo, a harmonia, a letra, a textura etc aparecem. Na Arte Sonora o som, a imagem, o espaço e o tempo dialogam.

O suporte da música não é mais a partitura musical ou um grupo instrumental determinado e encadeado temporalmente. Ao utilizar a paisagem sonora, os objetos sonoros e a própria música, junto com outras artes, o cotidiano e a realidade emergem na produção artística. Nela o espaço e o som tornam-se peças integrantes e indispensáveis à obra. Na Arte Sonora, o espaço da obra é parte da própria obra, um não se separa do outro, eles estão diretamente ligados assim como todos os elementos.

Campesato e Iazzeta, (2006) destacam que a forte conexão que a Arte Sonora estabelece com o espaço culminou com o surgimento da

Instalação Sonora. Dessa forma, segundo os autores, a Instalação Sonora é um "(...) gênero da arte que, pelo uso de materiais escultóricos e outras mídias, busca modificar a maneira que um sujeito experiencia um espaço particular, desse modo aproximando-se das artes performáticas." (CAMPESATO; IAZZETA, 2006, p.776)

Partindo deste conceito de instalação sonora, onde objetos, tempo, espaço, som e imagem estão diretamente envolvidos e todos constituem a obra, não existe um elemento mais importante ou destacado na obra de arte. O que importa é o conjunto que se apresenta e o que fazemos com ele de forma a concretizá-lo, diferenciá-lo e qualificá-lo.

Vale destacar que neste tipo de obra é o visitante que ao interagir com a obra constitui seu significado, que faz com que ela esteja em constante mutação. Nesse caso, cada pessoa, cada visitante, vivencia uma Instalação diferente, com diversos significados, experimentando outras formas de ouvir, de soar e de sentir. É na união dos variados elementos da Instalação sonora que está a sua riqueza e diversidade: a capacidade de vivenciar múltiplas dimensões estéticas.

Portanto, ao entender que,

os espaços acústicos - instalações sonoras - ou corpos sonoros de intervenção social, convertem-se ainda, segundo Schaffer, em arquiteturas sonoras, sendo os compositores desenhadores de sons.[...] um espaço ou um objecto de arte que reúne em si mesma diversas formas de arte. (SANTANA, 2007, p.1),

pensei em propor uma Instalação Sonora na EMEI Zozina, para qualificar o espaço institucionalizado para as crianças na escola. A Instalação Sonora surge na Zozina como um espaço desafiador para a criança. A Instalação Sonora como um parceiro pedagógico (HORN, 2004). Um espaço que não apenas a localidade o define e que não é apenas um local de trabalho ou de "ficar" (no caso das crianças) mas o que há nele e quais as formas de interagir nele, proporcionando autonomia e conhecimento

onde a mediação da professora não é o “destaque”, mas a interação que esta proporciona às crianças.

Ao pensar em um espaço e um tempo sonoro dentro da escola de Educação Infantil, a intervenção pedagógica poderia se dar em propor um lugar institucionalizado para brincar com sons. A Instalação Sonora apareceu como uma possibilidade. Um espaço para barulhar, sem uma determinação externa, ou pelo menos que essa aconteça em uma parcela mínima possível. Um espaço e tempo sonoro onde as crianças seriam convidadas a soar, individual e coletivamente, interpeladas por seus pares, a constituir parcerias de exploração, escutando e manipulando os sons daquele pequeno grande mundo ali exposto.

1.1 Proibido não tocar: o barulhar

O termo Barulhar é definido por Lino (2008) como a música das culturas infantis, a música das crianças. Enquanto brincam com o som as crianças barulham, e nesse momento expressam aquilo que já faz parte de sua coleção de sons e significados (SCHAFER, 1991) e que vai se ampliando ao longo da vida. Nas palavras de Lino, (2010, p.7)

as crianças barulham porque têm no seu corpo essa exigência sensível. Logo, o ato de barulhar – enquanto ato de fazer barulho, de sonorizar sem prévia sistematicidade e determinação – expressa uma profunda sensibilidade que em sua dimensão primeira, ou vital, é a de um corpo em interação com o real. (LINO, 2010, p.7)

O Barulhar, assim como a arte, existe em constante mutação, ao longo de sua vivência, ele vai sendo modificado, interrompido, reiniciado. Por não ser uma música pronta e definida previamente, ele não é algo que possa ser ensinado ou aprendido. O barulhar não exige um conhecimento prévio sobre nenhum tipo de instrumento ou conceitos musicais, basta promover a experiência de estar com os sons livremente.

Segundo Lino (2010), o brincar com os sons ocorre através das experimentações que as crianças realizam com os sons que convivem, com os objetos que manipulam, com as paisagens sonoras que exploram. Colocam seu corpo e voz, podendo alternar timbres, ritmos e combinações, mesmo que estas não sejam diretamente relacionadas à música, ao interagirem com elas tornam-se parte das suas composições. O barulhar aparece sempre de forma natural, espontânea e lúdica, interagindo com os mais diversos recursos sonoros disponíveis no ambiente social.

Para quem se entrega a brincar com sons, Lino esclarece que

aqui, brincar é diferente de trabalhar, de estudar, de imitar, é estar com os sons no coletivo, sem apresentações, sem separações. É entrar na brincadeira, soltar a voz, a língua, a fala, deixar-se vibrar, é barulhar. (LINO, 2008, p.151)

O termo barulhar não remete ao fato de fazer um som ruidoso ou barulhento, ele se refere a uma experiência “poética/estética” (BOURSCHEID, 2014). As crianças inicialmente batem para brincar, e no movimento de bater e soar é que percebem a vibração, o som. Só então elas vão então testando, experimentando, conhecendo, gradativamente elas começam a se organizar sonoramente. Tal experiência as leva depois para investigações mais complexas que posteriormente se tornam a “música” com a estrutura que conhecemos.

No entanto, o problema é que não sabemos o que fazer com esta barulhada, com esta organização, para onde ir, o que proporcionar. Talvez neste momento fosse de suma importância que tivéssemos acesso a professores/as de música com este olhar heterofônico, que conseguem perceber harmonia nestes sons descontrolados, que para nós são apenas barulho, para que em conjunto soubéssemos como evoluir junto com as crianças e ampliar nosso ouvido que geralmente é apenas polifônico, que conseguimos compreender como música apenas aquilo que atende aos padrões pré estabelecidos como música.

Portanto o barulhar é a ação poética e lúdica de brincar com sons. *Proibido não tocar*⁵: a Instalação Sonora que propus na Zozina não teve um caminho definido a percorrer, nem um objeto sonoro previamente determinado para explorar, cada criança foi provocada a empreender sua trajetória, individual ou coletivamente, movimentando simultaneamente o som, o tempo, o espaço e a imagem.

1.2 Proibido não tocar: estar em linguagem

O mundo que nos cerca está cheio de possibilidades sonoras. exigindo um tempo, um espaço e uma mediação pedagógica para que o barulhar ocorra no cotidiano da Educação Infantil.

Pretendo aqui investigar, através de uma prática pedagógica realizada com as crianças, de que maneira elas interagem com um espaço pensado para "*estar em linguagem*" (RICHTER, 2005). Proibido Não tocar - esse espaço de investigação - emerge envolvendo diferentes conceitos relacionados à infância e a capacidade das crianças de aprender.

Convém lembrar que o conceito de infância construído ao longo dos séculos constituiu vários e distintos olhares sobre as crianças. Tais concepções variavam principalmente de acordo com a época, culturas e poder sócio econômico em que as crianças estavam inseridas, e foram estas transformações que constituíram o conceito/sentimento de infância, influenciando na contemporaneidade à organização da estrutura familiar. (BITTENCOURT, 2011, p.09)

Compreendo a infância na sua pluralidade, daí a utilização do termo Infâncias, como um lugar, espaço, tempo de brincar, musicar, contar, imaginar, enfim de transformar, experimentar o mundo. Como afirma Berle⁶ (UNISC, 2013) "uma criança chega ao mundo imediatamente está

⁵ O nome dado a Instalação Sonora da Zozina foi inspirado no museu participativo de ciências: Proibido no tocar, localizado dentro do Centro Cultural Recoleta em Junin, Buenos Aires.

⁶ Palestra no 6º Seminário de Infância e Educação. Palestra, *Lugares da infância: mundo comum e linguagem*. Santa Cruz do Sul, UNISC, 2013.

vivendo a sua infância” a condição biológica primeira do humano é ser criança e o modo como esse começo é vivido configura uma infância.

Assim,

conceber a educação infantil como tempo e lugar de aprender a encantar-se com o ato lúdico de operar em linguagem, como espaço formativo de temporalização do corpo infantil que tem que aprender a complexificar relações no e com o mundo através do ato de recontar e refazer o vivido através de diferentes modos de plasmar linguagens. (RICHTER, 2005, p.234)

Neste contexto, a Instalação Sonora emerge aliada ao trabalho pedagógico das crianças na Educação Infantil, porque permite o encantamento, a interação-exploração-criação com este mundo sonoro que nos cerca, ampliando seu repertório e constituindo sua cultura.

Richter aponta que o compromisso da arte na educação da infância é educar a sensibilidade “para que cada criança possa jogar com os possíveis do humano no espaço e tempo de sua cultura.” (RICHTER, 2008, p.21) Entendo *Proibido não tocar* como esta possibilidade de estar em linguagem.

O sistema educacional tem uma necessidade de narrar o mundo esquecendo que para as crianças não é suficiente que se narre o mundo, mas sim que a partir de nossas experiências e ações no mundo possamos aprender a narrá-lo. (RICHTER, 2013)

Este compromisso citado por Richter tem que ser considerado em diversos momentos dentro da Escola de Educação Infantil, seja no planejamento da professora, seja no Projeto Político Pedagógico da escola ou ainda nos Planos de Estudo elaborados, mas principalmente na compreensão e no cuidado de termos sempre uma escuta sensível, não apenas em relação ao que as crianças dizem (área amplamente pesquisada atualmente), mas também de compreender que para estar no mundo nós soamos, e que por mais banal que pareça, para as crianças esta é uma nova experiência, este é um mundo também sonoro que deve ser explorado por elas.

Escolho a música, o barulhar, as narrativas sonoras emergentes do encontro das crianças com a Instalação Sonora como uma provocação para que elas experimentem seu estar no mundo, pois este também é sonoro.

O intenso trabalho de Richter (2005) para compreensão da arte na infância, a partir da filosofia, tem destacado que “não nascemos com linguagem, nascemos com a capacidade de entrar em linguagem” (RICHTER, 2013). Nesse sentido, assim como a autora, entendo a “linguagem como uma experiência de pensamento, como diferentes modos de perceber o mundo. Dessa forma, a educação é colocada diante do desafio de perseguir outros modos de pensar as infâncias: em dimensões e não em estruturas, conceitos, representações.” (op. cit., 2013)

Compreendo que o barulhar é parte do processo de conhecimento do ser humano. Ao tentar compreender o mundo estando nele, a criança experimenta o mundo, para tanto é necessário, que contemplemos:

tempos diferenciados pois as crianças abordam o mundo e o desconhecido de modo diferente dos adultos: em sua inexperiência – outra temporalidade – o abordam encantadas, admiradas, espantadas: **é a experiência da primeira vez**⁷... (RICHTER, 2005, p.249)

É esta experiência da primeira vez que necessita de uma escuta sensível, como ação pedagógica. Entender que tal atividade não tem um tempo pré-determinado, mas que emerge ao longo da infância, sublinhando assim a sua complexidade.

É justamente este o objetivo deste trabalho, possibilitar uma “experiência da primeira vez”, para as crianças da EMEI Professora Zozina S. Oliveira. *Proibido não tocar* é uma Instalação que faz soar, sentir, ouvir, brincar, testar, etc. Um espaço de provocação para estar em linguagem, que pode se transformar a cada movimento de convivência.

Afinal,

⁷ Grifo meu.

cada criança traz repertórios que dinamizam o movimento infundável de expandir uma singularidade definida pelo que sabem, pelo que contém e carregam na *errância*: uma marca, um ritmo de gestos, um rosto desenhado pela experiência, o timbre de uma voz, um nome, uma *assinatura*. (RICHTER, 2005, p.243)

Ao pensar com Richter (2005) que a linguagem produz mundos na medida em que inventa sentidos para vida na convivência, nas assinaturas, nos desenhos de som, nas narrativas dos modos de viver, é que idealizei esta Instalação. As crianças inventam seus modos de dizer e de ser, estando em linguagem, movimentam suas singularidades e percorrem *Proibido não tocar*.

2 PROIBIDO NÃO TOCAR: COMPONDO A INSTALAÇÃO SONORA

"Quando se dá tudo pronto, sejam formas ou brinquedos, não sobra nada para imaginar" (RICHTER, 2013)

A ideia de compor uma Instalação Sonora na escola municipal onde leciono no município de Novo Hamburgo surgiu a partir de diálogos com a Prof^a Dr^a Dulcimarta Lino, no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil (MEC/UFRGS), bem como com a leitura do livro "Paisagens Sonoras de uma Cidade" (BERNARDI; SEDIOLI, 2002).

A proposta ora apresentada partiu do conceito de barulhar na infância (LINO, 2008), tema extensamente investigado em *Balangandã Sonoro: uma sugestão de material didático para trabalhar o barulhar das crianças na Educação Infantil*⁸ (BITTENCOURT, 2011)

Considereei importante que essa Instalação Sonora não se dirigisse apenas às crianças da minha turma, mas que também pudesse atingir os diferentes grupos da escola. Isso porque, em nossa escola temos compartilhando diferentes ideias e vontades pedagógicas, buscando uma convivência institucional onde as reflexões e estudos teóricos, levem à qualidade de nossa prática na sala de aula.

2.1 A Escola

Esta proposta foi realizada na Escola Municipal de Educação Infantil Professora Zozina Soares de Oliveira, onde leciono em uma turma de Faixa Etária 3 anos, localizada as margens da ERS 239, no município de Novo Hamburgo. A escola atende crianças de 2 a 4 anos de idade em turnos integral (para as crianças de 2 e 3 anos) e parcial (para as crianças de 4 anos), a comunidade ali atendida é composta, na maioria, de famílias

⁸ Trabalho de Conclusão do curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

carentes que residem em vilas próximas à escola; ao todo são atendidas cerca de 90 crianças.

Na escola em questão, iniciamos uma caminhada pensando em uma nova forma de trabalhar com as crianças na Educação Infantil. Por termos um grupo de professoras em pensamento reflexivo constante de inovar pedagogicamente, nos afastamos das datas comemorativas e práticas desarticuladas do contexto social e das vivências de cada criança. Temos esta concepção de que o importante é a criança estar em linguagem (nas suas múltiplas dimensões), e para isso proporcionamos diferentes experiências cotidianamente.

Para tal mudança em nossa prática docente enquanto instituição escolar (e não apenas algumas professoras, mas a escola como um todo) temos formações e parcerias com outros professores, com a Secretaria Municipal de Educação, incentivos da escola para nossa constante formação e total apoio da equipe diretiva da escola para todas as colegas que estão em formação acadêmica.

Dentro deste projeto maior de transformar nossa prática docente na EMEI Zozina, temos desenvolvido atividades relacionadas a diferentes temas: a educação ambiental, as tecnologias, biblioteca, hora do conto, arte, culinária, psicomotricidade relacional, entre tantas outras. Desde o início deste trabalho recebi o apoio da equipe diretiva da escola e das colegas professoras que colaboravam com sugestões e incentivo, me dando muita liberdade no momento de organizar a Instalação.

Para conseguir organizar tal espaço busquei, além do material bibliográfico, de formações que pudessem me auxiliar nesta pesquisa e prática. Participei então de um grupo de formação de professores do Espaço de Criação Musical⁹, que articula experiências musicais nas escolas de Educação Infantil, onde pude conhecer um espaço pensado para a prática de música, me aproximar de professores especializados dentre eles a Prof^a Dr^a Dulcimarta L. Lino. Tive então acesso a referenciais teóricos da área, e disponibilidade de alguns materiais que foram

⁹ Escola de música, situada na cidade de Porto Alegre sob a direção da Prof^a Dr^a Dulcimarta L. Lino.

utilizados na Instalação. Participei também da aula inaugural do curso de extensão sobre bebês na Universidade de Santa Cruz do Sul, onde pude conhecer e assistir a palestra das professoras Martha Quintanilha e Sandra Richter. Tais experiências possibilitaram que minha escrita fosse mais apropriada e aprofundada de conteúdos que são próprios à música e à arte e ainda um pouco distantes da Pedagogia.

Pensei com sons, ou seja, procurando sonoridades disponíveis em casa, na escola, coletando materiais entre amigos, montando, colocando, cortando, testando, brincando com os objetos sonoros¹⁰, catando no lixo, procurando os espaços mais sonoros da escola, uma sala, o corredor, a galeria, a pracinha ou a rua? Pensando com os sons.

Comecei organizando alguns materiais por mim experimentados e que me apaixonaram com minha turma de faixa etária três anos. A elaboração e confecção desses objetos sonoros só foram possíveis graças a parcerias feitas no caminho com amigos e familiares, coisas emprestadas, doadas, auxílio para coletar, transportar e confeccionar os materiais. Nada seria possível sem essas parcerias.

2.2 Proibido não tocar: a Instalação montada



¹⁰ Qualquer objeto que decidirmos utilizar para produzir sons.

Por ser na galeria da escola, a Instalação Sonora foi montada no início da manhã do dia 29 de novembro de 2013, enquanto as crianças iam chegando com seus familiares, demonstravam muita curiosidade e empolgação, questionando o que estava sendo feito e quando poderiam brincar ali.

Concluída a organização do espaço e conforme o horário combinado, uma turma foi chamada de cada vez, juntamente com sua professora e mais uma professora que se dispôs a auxiliar neste momento.

2.2.1 Cortina Sonora

O primeiro elemento explorado em sala foi uma cortina de sementes, na verdade cascas de sementes que foram furadas nas pontas e unidas com pequenos elos de metal para que constituíssem a cortina, cada tira da cortina foi fixada em uma argola de madeira e colocada em uma arara de roupas.





2.2.2 Canos

Outro elemento explorado em sala foram os canos de pvc, onde podiam falar e escutar. As crianças da turma Faixa Etária 3 anos C na qual leciono, auxiliaram a confeccionar um dos painéis que foi para a Instalação. O tal painel era uma chapa de madeira (encontrada na rua para lixo) que foi lixada e cortada previamente para serem encaixados três canos sanfonas. Sobre a chapa foi colocada massa corrida misturada com areia, e as crianças fizeram vários desenhos para decorá-la. Em seguida a chapa foi pintada de branco e os desenhos contornados com cola colorida preta.



Na Instalação foi utilizado um palete de madeira como suporte para manusearem o painel que foi fixado na parede, então foram explorados os sons dos canos e da madeira do palete.

2.2.3 Paneleiro

Na cozinha é que se fazem as mais belas misturas! Pois foi dela que retiramos os elementos que constituíram o paneleiro, que foi fixado em sala de aula causando muito alvoroço entre as crianças, onde foram utilizados diferentes tamanhos de panelas, frigideiras, latas e chaleiras que foram furadas em quatro pontos e amarradas com barbante para que ficassem firmes na estrutura da arara de roupas, utilizada como base do paneleiro. Ele foi explorado com diferentes baquetas, ora com as mãos,

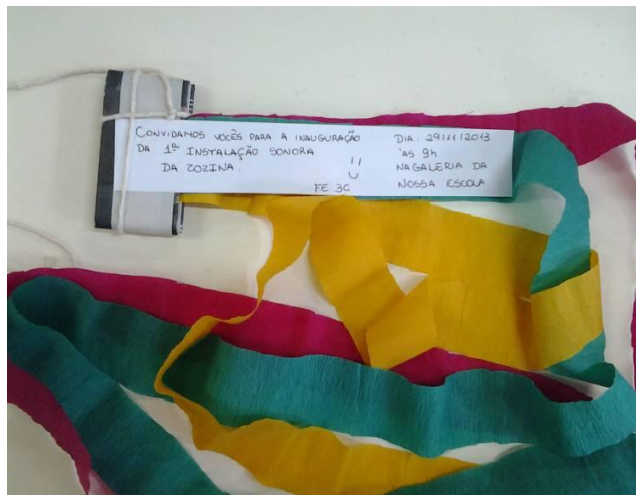
ora com colheres de metal do refeitório, ora pequenos e firmes galhos de árvore que colhi no Parque Farroupilha (Porto Alegre – RS) em uma das visitas do curso de especialização, e “baquetas feitas manualmente”, uma de metal com a ponta de feltro (parte de uma bateria) e cabos de vassoura de madeira cortados e na ponta forrados de pano.



2.2.4 O Convite

Como as atividades foram muito prazerosas ao grupo sugeri que dividíssemos com os outros amigos (forma com que chamamos as crianças das demais turmas da escola). As experiências com os sons que

tiveram. Elaboramos um convite em forma de balangandã¹¹, que foi entregue para todas as turmas e a direção da escola.



Após conversar com a equipe diretiva da escola, e explorar os ambientes disponíveis na escola para a Instalação, optei por realizá-la na galeria da escola. Como visávamos proporcionar diferentes experiências às crianças da nossa escola, convidamos cada uma das turmas em um horário diferente para que, acompanhadas de suas professoras, viessem explorar a Instalação comigo.

Além dos materiais descritos acima: cortina de sementes, paineleiro, painel de madeira e canos também confeccionei e dispus neste espaço outros objetos sonoros.

2.2.5 Tonéis

Os tonéis de aço de 200 litros, que foram cortados e interligados com canos de PVC, foram inspirados na obra *Industrie* de Luigi Bernardi e Arianna Sedioli, parte da Instalação *Paesaggi sonori de uma città* feita em 2001 no Museu de Arte Loggetta Lombardesca em Ravenna-Italia.

Os canos tinham diferentes espessuras, um dos canos era de 40mm e estava atravessado nos dois tonéis, o outro que também atravessava de

¹¹ Brinquedo confeccionado com papel crepom, jornal e barbante muito utilizado pela turma ao longo do ano.

fora a fora era de 75mm. Outro cano também de 40mm que atravessava apenas um dos tonéis tinha sua extensão toda furada (os furos foram feitos com uma chave de fenda quente). Havia ainda o outro de 75mm que estava cortado em duas partes, encaixado apenas nas pontas do tonel para que o som se espalhasse por dentro do mesmo.



Outros dois tonéis menores também integraram a Instalação, um continha pequenos porongos e o outro estava cheio de tampinhas de garrafa pet. Os dois tonéis foram cobertos por tecido com espaço para que as crianças pudessem colocar as mãos.



Também foram colocados à disposição alguns Balangandãs, uma bombona de água, de 20 litros, cheia de tampinhas de garrafa pet com um barbante para que fosse puxada/rolada pelo espaço, e uma garrafa menor de refrigerante de 250ml cheia de sementes também com um barbante, para que fosse puxada/rolada pelo espaço, a fim de analisar os diferentes sons provocados por eles.





2.3 Visita a Instalação Sonora da Zozina: Proibido não tocar

A explicação a respeito da proposta de trabalho foi realizada de maneira informal com as professoras de cada turma. Fizemos algumas combinações nos momentos disponíveis que tínhamos (intervalos, almoço etc) explicando como iria ocorrer a Instalação e qual a proposta desta pesquisa, neste momento combinamos sobre o tempo de permanência de cada turma na Instalação. Como a ideia era de que todas as turmas interagissem com *Proibido não tocar* no mesmo dia, estipulamos o tempo de 20 minutos de exploração para cada grupo, sendo que a Instalação ficaria montada para que posteriormente as turmas pudessem explorar com mais tempo a Instalação Sonora.

O combinado com as crianças foi de que poderiam brincar como quisessem no espaço desde que não se machucassem e não machucassem os amigos e, que, quando chamássemos devolveriam as coisas para o lugar e sentariam no espaço combinado para conversarmos. Com todas as turmas foi realizada esta conversa antes de brincarem, pouco antes de terminar o tempo combinado avisamos às crianças “logo vai acabar o tempo da brincadeira”, e sempre quando acabava o tempo combinado nos despedíamos e as crianças eram questionadas do que haviam achado do espaço e se haviam gostado de brincar nele.

Ao todo foram atendidas sete turmas, onde cerca de 65 crianças puderam explorar a Instalação. As visitas foram realizadas no horário combinado com as professoras, vindo apenas uma turma de cada vez, com em média 10 crianças em cada turma. As turmas vinham sempre acompanhadas de sua professora titular, mais a professora que se dispôs a auxiliar a fotografar as reações das crianças e eu.

Durante a exploração das crianças estávamos sempre entre três professoras, duas registravam fotografando e uma fazendo a filmagem deste momento. Tentávamos não intervir e não direcionar as crianças, deixando apenas que elas brincassem com os objetos sonoros dispostos na Instalação da forma que quisessem, intervindo apenas nos momentos de conflito e de “guardar”.

Neste dia minha turma foi acompanhada até Instalação pelas professoras de projeto, pois para que pudesse ter a disponibilidade de acompanhar todas as turmas, organizei a Instalação em meu dia de planejamento.

Os registros realizados, filmagem e fotografias, foram feitos sempre por três pessoas, neste momento de registrar pedi que cada professora fizesse livremente para que capturassem os barulhais das crianças. Essas fotos foram disponibilizadas às famílias através do site¹² da escola onde sempre atualizamos com as atividades feitas pelas turmas, sendo um dos nossos meios de aproximação com as famílias ao longo do ano.

Posteriormente utilizei as filmagens e fotos para analisar a participação das crianças neste espaço. Considero que o que enriqueceu muito este momento foram os diferentes olhares que compuseram esta coleta de material.

¹² <http://emeizozina.weebly.com/faixa-etaacuteria-3-anos-c.html>

3 DESCOBERTAS DO CAMINHO

(...) o músico brinca com o som e o silêncio.
Eros brinca com os amantes.
Os deuses brincam com o universo.
As crianças brincam com qualquer coisa
em que possam pôr as mãos, **os olhos, os ouvidos, o corpo.**¹³
(NACHMANOVITCH apud RICHTER, 2005, p.248)

A Instalação aqui apresentada foi para as crianças um momento de intenso brincar, experimentando as sonoridades à sua maneira. As turmas que experimentaram a Instalação podem ser classificadas em dois grupos. O primeiro grupo, composto pelas turmas Faixa Etária três anos A e Faixa Etária três anos C, já havia explorado de diferentes modos alguns objetos sonoros, como os dispostos na Instalação Sonora e também alguns instrumentos musicais. Isto porque essas crianças realizaram diversas atividades propostas para aguçar sua escuta sensível e seu ouvido pensante. Esse grupo será aqui denominado de grupo A. O segundo grupo, constituído pelas turmas de Faixa Etária dois anos, Faixa Etária três anos B, Turma Unificada (crianças de três e quatro anos) e Faixa Etária quatro anos, não havia explorado de forma continuada o barulhar em suas atividades cotidianas. A estes chamaremos de grupo B.

Cada um dos grupos escutados participou, sem receita, da Instalação Sonora apresentada. A escuta sensível de seu brincar através da Instalação indicou que, de maneira geral, as crianças trouxeram consigo a bagagem sonora que dispunham na escola, enredando teias, encontrando afinidades, fazendo música.

O grupo A, ao participar da Instalação Sonora, demonstrou uma grande familiaridade com os objetos sonoros dispostos, evidenciando diferentes gestos de escuta sonora. Esse grupo: ficava um tempo mais prolongado experimentando as materialidades dispostas, lembrava dos canos, das cortinas e dos tonéis experimentados na sala de aula (e por

¹³ Grifo da pesquisadora.

essa razão já sabia como produzir diferentes sonoridades), tentava esboçar pequenas músicas a partir dos sons percutidos.

O grupo B se lançou intensamente a fazer vibrar a onda acústica disposta na Instalação Sonora. Percutiam, fraco, forte, rápido, lento. Ao experimentar os excessos sonoros com velocidade, pareciam totalmente envolvidos ludicamente na exploração sonora. Assim, em diferentes momentos, ficavam por mais um instante ouvindo ou percutindo sonoridades que lhes houvesse agradado.

Cabe ressaltar que na experiência de participar de uma Instalação Sonora não há um grupo que melhor participe da Instalação do que o outro. O que se levou em consideração foi a experiência de cada criança e a forma como aceitavam a provocação para barulhar, narrando o seu mundo de sentidos. Nesse momento, a complexidade e a pluralidade da música como dimensões estéticas emergem na multiplicidade de sentidos que as crianças decidem enfocar.

Esta foi uma experiência poética de muita aprendizagem para mim enquanto professora e pesquisadora, pois se tornou evidente que neste tipo de trabalho temos que ficar abertos ao inesperado. Compreendo que foi esse inesperado que compôs as mais belas e enriquecedoras experiências para pensar com sons. Dentre todas as experiências registradas nessa investigação, selecionei seis narrativas sonoras que mobilizaram meu pensar.

Os registros de vídeo utilizados para esta análise, não têm uma finalidade estética, mas querem apenas ilustrar as reflexões desta investigação. Estas imagens são um documento público, disponibilizados pela autorização dos pais e da direção da escola (Anexo A), que mostra os significados narrativos do que pude escutar sensivelmente.

Por este motivo não descrevo tudo o que aconteceu temporalmente, utilizo recortes nomeados Narrativas Sonoras, (como na investigação dos momentos de cantos e balbucios de Cabanelas e Hoyelos, 1998) para pontuar os temas que quero destacar. As edições dos vídeos foram realizadas dando suporte ao objetivo dessa investigação, nessas

descrições os nomes das crianças não serão utilizados, cada criança será identificada por um nome fictício.

3.1 Quando barulhar leva à composição musical: cozinheiras da alegria

As crianças da Faixa Etária três anos C turma na qual leciono, foram apresentadas a alguns dos componentes da Instalação Sonora. Quando apresentadas ao paineleiro, inicialmente bateram nas painelas com as mãos e com as baquetas por mim dispostas.

Maria foi até o pote onde estavam dispostas as baquetas, pegou uma das colheres e ao invés de tocar no paineleiro, começou a mexer a colher dentro das painelas como que imitando o ato de cozinhar, misturando comida. Logo se juntaram a ela mais duas meninas, a Nicolly e a Sara, na brincadeira de cozinhar. No outro lado do paineleiro havia alguns meninos que tocavam os objetos para que eles vibrassem. Enquanto isso Sara começou a cantar enquanto as amigas “cozinham” e os meninos tocavam. Sua canção era composta basicamente pela seguinte estrofe basicamente: “Somos as cozinheiras da alegria...”. Neste momento ela dançava, cozinhava e cantava.

O grupo achou muito divertido e seguiram na brincadeira, as outras meninas se uniram na cantoria, e mesclavam a este refrão dizeres improvisados de comidas que lhes agradavam. Elas cantavam: “nós gostamos de cozinhar, e de comer feijão, e arroz...” deixando claro as suas preferências na alimentação. Sempre retornando à música com seu destaque: “Somos as cozinheiras da alegria!” Brincaram desta maneira por alguns minutos, divertindo-se muito, quando naturalmente foram substituindo essa brincadeira por outros brinquedos e brincadeiras que as outras crianças brincavam na sala.

Neste momento, entendi que a Instalação sonora serviu como um dispositivo desencadeador para que as crianças, entrando em linguagem, encontrassem os sentidos de ser. Algumas crianças cozinhando dentro da

panela, outras inventando a música para cozinhar. Aqui a música era improvisadamente articulada, na sintonia de ressoar com os pares. A Instalação funcionou como um "exercício para curiosos"¹⁴, uma outra maneira de entender a infância em sua contemporaneidade. Ou, uma outra forma de pensar

a organização do tempo, da vivência enquanto experiência de um pensamento que não se pauta só em representações, mas em uma imagem de pensamento que se coloca sob a perspectiva da invenção. (ABRAMOWICZ apud CAMARGO, 2013, p.41)

Ao propor outra forma de fazer música na escola, oferecemos às crianças a possibilidade de um tempo e espaço para que vivenciassem a experiência poético/estética sem restringi-las apenas às entonações repetitivas de um cardápio sonoro engessado, entoadado sem movimento.

Conforme Richter (UNISC, 2013) a criança imaginante não antecede o adulto racional (mito da criança criadora). Nem todas as crianças espontânea e improvisadamente expressam livremente a sua imaginação sonora. Para algumas crianças é necessário possibilitar momentos, espaços e tempos para que possa experimentar a sua imaginação.



¹⁴ Nome de uma exposição da Bienal do Mercosul.

3.2 Quando o barulhar é repetir: criar ações poderosas

Ao chegar à Instalação Sonora, Vítor se apoderou do brinquedo que tinha intimidade: o balangandã. Em seguida se dirigiu ao paineleiro, objeto novo para a criança, testando as sonoridades do mesmo com as mãos, dando batidas nas diferentes painelas ali dispostas. Vítor pegou então a baqueta de feltro e voltou a bater nos mesmos objetos que havia batido com as mãos. Ao bater na primeira painela o menino me deu um sorriso. Parece-me dizer: - "Ah, com essa baqueta o som fica mais forte". A criança fez o mesmo ritmo em todas as painelas, mirando-me sorridente sempre que acabava uma série percussiva.

Após testar a maioria dos objetos expostos no paineleiro Vítor pegou outra baqueta (a de madeira com tecido) e começou novamente a explorar as painelas utilizando as duas diferentes baquetas de forma alternada, intensificando a força e velocidade de seus movimentos. O menino permanece explorando este espaço da Instalação Sonora em torno de oito minutos consecutivos. Passado este tempo ele foi explorar outras materialidades como os tonéis, mas sempre retornando ao paineleiro. Cabe destacar que, sempre que retornava ao paineleiro Vítor intensificava seus movimentos corporais, e vai experimentando outras baquetas e diversificando sua forma de "tocar" no paineleiro com elas. Para Vítor, repetir não era entediante, mas pura descoberta sonora.

Brincar outra vez é começar tudo como a primeira vez! Remexer nas crianças, é pensar. Implica afirmar que podem aprender com o corpo. E o corpo, antes, é sensação e afecção só acontecendo no ato de participar. (RICHTER, 2005, p.251)

Como cita Richter, o menino Vítor ao retornar diversas vezes ao paineleiro, espaço da Instalação Sonora que claramente mais lhe instigou, começou tudo outra vez. O corpo de Vítor lembrava a primeira vez, pois a cada retorno repetia o que havia feito anteriormente. A cada batida identificava através de sua escuta sensível uma nova sonoridade,

refinando seu ouvido pensante¹⁵ e ampliando seu repertório sonoro aliado sempre à intensa alegria, evidente em todos os momentos da exploração através de seus sorrisos e gargalhadas.

A vontade de permanecer nesta exploração foi tanta, que ao terminar o tempo combinado demonstrou resistência a abandonar seu brincar. Assim, foi o último a sair da Instalação, retornando inúmeras vezes ao longo do dia.



3.3 Quando barulhar leva a invenção: jogo de iguais

Em uma das vezes que o menino Vítor saiu do paineleiro para brincar com outros objetos sonoros da Instalação, ele foi até os grandes tonéis de aço para testar a sonoridade deles utilizando as mesmas baquetas que tocava no paineleiro. Assim como no paineleiro Vítor tocava de forma intensa nos tonéis a forma de percuti-los era aleatória. A criança testava diferentes ritmos e formas de utilizar as baquetas, acompanhando-se melodicamente com a voz na medida em que improvisava cantares narrativos de seu fazer, misturando sons e palavras diversas.

¹⁵ Termo criado por Schaffer (1991) referindo-se a um ouvido que não apenas escuta, mas que reflete a respeito do que ouve.

Em determinado momento Vítor me chamou e mostrou o que fazia, em seguida o menino me convidou a tocar junto com ele, neste momento nenhuma palavra precisou ser dita, pois Vítor me chamou pelo meu nome e com seu olhar demonstrou que queria que eu participasse.

Inicialmente batemos juntos no tonel e em determinado momento alterei o ritmo que estava fazendo, Vítor parou de tocar e ficou observando. Quando parei de bater ele repetiu com suas baquetas o mesmo inciso que havia escutado. Ficamos nesse jogo de escuta por repetidas vezes. A criança sempre parava, ouvia meu inciso rítmico e prosseguia a repetição do mesmo. Em seguida, propus outro ritmo. Ao terminar sua sequência Vítor olhou para minha mão e deu um sorriso, respondi com outra sequência de batidas. Percebi que ele havia criado uma forma de jogar com os sons e que eu havia sido de certa forma convidada a brincar com ele. Batemos alternadamente, cada um na sua “vez” de jogar.

Da mesma forma natural com que esta brincadeira começou ela teve seu encerramento, terminando com um sorriso de Vítor para mim e eu sorrindo para ele. Quando não quis mais, o menino voltou a barulhar no paineleiro. Barulhamos em conjunto e como afirma Lino (2008) o barulhar não é regrado e tampouco pode ser ensinado, pois sua duração irá variar de acordo com a vontade de seus integrantes e assim como começa de maneira espontânea ele também se encerra em si.

Foi exatamente desta maneira que Vítor e eu barulhamos no nosso jogo sonoro. Não se fez necessário nenhuma palavra para constituir esta brincadeira, uma vez que toda a comunicação foi realizada através do som e da cumplicidade de olhares e sorrisos. As regras desse jogo sonoro foram criadas ali naquele momento e se adequaram àquela situação, iniciando e terminando a brincadeira da mesma forma espontânea, natural e alegre. Interessante observar que essa troca de olhares cúmplices é muito utilizada entre músicos profissionais, que parecem se deleitar com a peça que está sendo executada. É como se nessa hora os músicos entrassem em êxtase ao tocar a música.

A observação do vídeo analisado me fez entender que os significados das narrativas sonoras infantis são determinados pelas próprias crianças. Cada som apareceu quando tinha que ressoar, sendo imprescindível para a invenção do jogo de iguais. O jogo de iguais apenas foi possível porque em pares (criança e professora) decidiram se comunicar, numa espiral onde a escuta silenciosa convidava a uma repetição do ritmo. Aqui a criança inventa um jeito de brincar com sons, jogando.



3.4 Quando barulhar revela a intimidade com as materialidades experimentadas

Por já ter uma intimidade com a materialidade sonora ali apresentada João explorou o paineleiro de maneira singular, absolutamente diferente de todas as outras crianças que passaram pela Instalação Sonora. Tal intimidade certamente se originou pelo fato do menino já ter contato com a música e com o instrumento bateria no cotidiano familiar: seu pai toca e ensina bateria ao menino. Desse modo João logo associou as varinhas de madeira dispostas perto do paineleiro como baquetas de sua bateria, pegando-as da forma instituída tecnicamente. Nesse momento, o paineleiro parece funcionar como sua

bateria. Inicialmente João testou os sons de cada objeto sonoro disposto no paineliro, em seguida começa a reproduzir movimentos que realizava ao tocar bateria no paineliro, explorando de maneira ritmada os diferentes objetos ali expostos.

Em determinado momento João percebeu que o som das duas frigideiras dispostas nas extremidades do paineliro eram parecidas e começou a testar apenas a sonoridade das duas, mostrando à sua professora a descoberta que havia feito. O menino seguiu explorando as sonoridades dos diferentes objetos do paineliro, das baquetas disponíveis, e criando novos arranjos para sua improvisação, sempre utilizando-se de movimentos próprios de quem já dominava o instrumento e parecendo querer significar o discurso musical.

Durante toda sua exploração João demonstrou alegria e satisfação ao barulhar. A cada conclusão de uma sequência rítmica olhava para as professoras com um sorriso, como a espera de um aplauso. Aqui, “o acontecimento criador que entrelaça o *pensar* e o *agir*.” (Richter, 2005, p.225) parecem emergir para conjugar criação. A cada movimento que realizava, o menino testava as sonoridades para daí compor uma sequência com elas. A intimidade com a materialidade sonora se revelava na forma de discurso sonoro que instituía improvisadamente. Vale destacar que, mesmo com a intervenção de seus pares na brincadeira, a criança não abandonava a intencionalidade de testar materialidades.



3.5 Quando barulhar é devorar a colheita: gafanhotos sonoros

Um destaque desta turma (Faixa Etária quatro anos) foi a maneira com que se entregaram a Instalação Sonora. Sendo a turma mais numerosa da escola e com faixa etária mais elevada, invadiram a Instalação Sonora correndo e gritando em pequenos grupos. Percorreram rapidamente todos os objetos sonoros da Instalação simultaneamente com intensidade elevada. As crianças tinham gestos fortes, rápidos, a voz era utilizada com força em tons mais graves e a ação de escutar não parecia acontecer. O que realmente fizeram foi testar as materialidades sonoras ali dispostas com muita vontade e entrega, percutindo sem parar em todos os objetos sonoros que o espaço pudesse oferecer.

Todas as crianças, sejam do grupo A ou as do grupo B, deixaram de alguma forma suas marcas na Instalação Sonora. A turma parecia ter lido e cumprido a risca o tema da Instalação: Proibido não tocar. "em muitas obras são os elementos contextuais (o público, a iluminação, objetos) constituintes do espaço que vão ajudar a montar a obra." (CAMPESATO; IAZZETA, 2006, p.3). Senti que as crianças dessa turma ao interagirem com a Instalação a tornaram absolutamente ruidosa. Essa foi sem dúvida a "obra" mais enérgica que surgiu neste dia.

Considero que o pequeno contato desta turma com as atividades de barulhar e do ouvido pensante fizeram com que as crianças despendessem pouco tempo no exercício de escutar objetos sonoros. Devido a esta intensidade de interação e vibração, em diferentes momentos a Instalação foi modificada. Sementes da cortina caíram, painéis se amassaram, balangandãs rasgaram. Observei que sempre que isso acontecia as crianças ficavam paralisadas, demonstrando receio de terem “estragado algo”. Sua atitude primeira era a ação de consertar, demonstrando através de sua fala e de seus olhares a espera pelo adulto que lhes chamasse atenção. Quando recebiam ajuda para consertar o que haviam “estragado” e percebiam que não seriam repreendidas, demonstravam alívio e voltavam mais uma vez à intensa exploração.

Cabe ressaltar que em nenhum momento as crianças “estragaram” por falta de cuidado, isto ocorreu devido a sua intensa participação na obra, pois seus corpos e energia neste momento eram inseparáveis da Instalação, “O espaço sonoro faz frente não somente às qualidades materiais de objetos e espaços físicos, mas também à ressonância de nossos próprios corpos e à percepção de nós mesmos” (CAMPESATO; ISAZETTA, 2006, p.2), foi desta maneira que este grupo de crianças interagiu, devorando avidamente tudo que o espaço oferecia tal qual gafanhotos na colheita. De maneira intensa e vibrante, produziram a sua Arte Sonora, percorrendo a Instalação de maneira que ninguém mais seria capaz de reproduzir, nem eles mesmos, pois a cada nova visita à Instalação, as crianças percebiam uma nova forma de interagir, pois não eram mais as mesmas, já se modificaram assim como a Instalação.



3.6 Quando pelo excesso me refino

As crianças desta turma (Turma Unificada) se detiveram por boa parte do tempo em que permaneceram na Instalação a explorar conjuntamente as sonoridades dos tonéis de aço com canos. Após a primeira criança gritar fortemente em um dos canos resultando em um som alto, todas as outras crianças começaram suas explorações. Inicialmente gritavam o mais alto que podiam, aos poucos começaram a brincar em conjunto onde uma criança gritava e a outra colocava seu ouvido no cano para escutar o grito do amigo.

Gradativamente foram trocando os gritos por palavras que diziam uns para os outros. Durante este momento de brincadeira, as crianças utilizaram muito mais do que apenas sua voz e ouvidos, seus corpos estavam integralmente participando deste momento: corriam para trocar de cano, pulavam e se remexiam ao gritar/falar e escutar os demais. Estavam interagindo neste momento com o espaço que ali se apresentava e com as demais crianças, provando e provocando novos sons e sensações, pois como afirma Canton (2009, p.22-3) "Conversar com tudo isso é abraçar o caos e se emocionar com o estranhamento." Ao provar os excessos da música, abraçando o caos que as crianças desta turma refinaram sua escuta. Segundo Lino (2010, p.32) "as crianças barulham

porque necessitam escutar". As crianças começaram experimentando gritos nos canos, depois abandonaram os gritos e fixaram-se na palavra falada com diferentes ritmos e intensidades. Da fala chegaram à canção, inventando pequenas cantorias durante seu brincar.



4 ENCONTRAR PROVOCAÇÕES: UM CONVITE A ESCUTAR

Após a organização e interação das crianças na Instalação Sonora surgiu a ideia de mantermos algumas coisas da Instalação na galeria da escola: o painel de madeira com canos, o palete e os tonéis de aço com os canos, pensando também de, no próximo ano letivo, gradativamente, criarmos outros objetos sonoros que possam ser explorados pelas turmas diariamente, constituindo o novo ambiente da galeria da escola.

Surgiram outras ideias e inquietações; uma das ideias foi que poderia ter produzido em conjunto com as crianças as etapas iniciais da elaboração dos objetos sonoros, (etapas que foram confeccionadas sem a participação das crianças) poderia ter selecionado com elas o material utilizado, discutindo e analisando como se dá todo o processo de confecção de tais objetos (cortar, furar, amarrar), proporcionando outras experiências, instigando ainda mais a sua participação.

Pensei em outros elementos que podem fazer parte de futuras instalações sonoras: objetos com cordas para soar ('harpa'), um espaço com um silêncio predominante onde os sons seriam fracos e suaves, outros modelos de painéis feitos com diferentes materiais (canos, colheres, painéis, ralador, entre outros). Percebi a necessidade de aprimorar a estética dos objetos sonoros e do espaço destinado à Instalação, delimitar de alguma forma o chão (seja com o uso de tapetes, tecidos ou tintas), qualificar a estética dos tonéis que estão sem acabamento, e que agora serão pintados em conjunto com as crianças.

Outro destaque importante é que mesmo sabendo que a galeria da escola não é um espaço acústico favorável, ou lugar ideal para a Instalação, este era o melhor espaço que a escola oferecia para que tal proposta fosse realizada, ou seja, na realidade em que estávamos inseridos este era o lugar ideal para que ela ocorresse, possibilitando uma experiência muito rica tanto para as crianças quanto para os docentes ali envolvidos. Nem sempre teremos condições perfeitas mas que de maneira alguma devemos deixar de desenvolver nossas propostas por não ter

todas as condições perfeitas, mas de tentar fazer o melhor possível dentro daquilo que temos.

Ao observar esta interação das crianças na Instalação Sonora pude perceber que ações simples podem levar a uma sensibilidade da escuta, é evidente que esta simplicidade está atrelada a um planejamento, a um suporte teórico e a uma sensibilidade no olhar e na escuta para com as crianças, o que na realidade não é tão simples, mas que neste caso, não foram necessários grandes investimentos financeiros e sim grandes parcerias para que a Instalação ocorresse. Portanto, tais propostas são plenamente viáveis na escola pública, uma vez que não necessitamos de grandes verbas para as Instalações sejam disponibilizadas às crianças.

Fica claro também que as crianças foram sempre surpreendentes, pois a cada grupo que ali passava não tínhamos como prever o que ocorreria e mesmo conhecendo as crianças e tendo certas expectativas em relação ao que elas fariam, o ambiente as provocou de maneiras diferentes fazendo com que suas experiências fossem singulares, assim como as crianças que são únicas em sua existência foi a sua interação e integração com a Instalação tornando a obra única e diferente a cada um que por ela passou.

Desta forma, podemos perceber o quanto esses momentos de criação são importantes, pois pensar a escola de Educação Infantil, seus espaços, tempos e atividades é algo muito complexo, pois o trabalho com crianças pequenas exige:

que sua atividade precisa estar atrelada a este tempo generoso e alargado da invenção, do lúdico, do imprevisto, da imaginação, da curiosidade, imprimindo um pensar e um agir pautadas nas diferenças que se manifestam nas muitas linguagens infantis, pois como nos coloca Loris Malaguzzi "a criança é feita de cem."
(ABRAMOWICZ apud CAMARGO, 2013, p.42)

Compreendendo então a necessidade de trabalhar com as múltiplas dimensões da linguagem na Educação Infantil, de não restringirmos a apenas uma ou duas, mas sim, tentar contemplar a maior parte delas nas experiências proporcionadas às crianças pequenas, e que para que isso

seja possível faz-se necessário um tempo, um espaço e uma mediação pedagógica adequadas para que as crianças sejam autoras na construção de seu conhecimento. De que neste caso a Instalação possibilitou além das inúmeras descobertas feitas de maneira única por cada criança, compreender que a instituição escolar permitiu/possibilitou este brincar com as sonoridades.

Encantar-me com a possibilidade de criar uma Instalação Sonora na escola, foi à forma que encontrei para mobilizar a obrigação de cumprir o dever de escrever o trabalho de conclusão para o Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil (UFRGS/MEC). Esse fazer me fez compreender o conceito de estar em linguagem na infância, “superando a ideia da linguagem enquanto um conteúdo a ser ensinado” (RICHTER, 2005). Até então, para mim a infância era o articular das diferentes linguagens: linguagem sonora, linguagem plástica, linguagem escrita, literária, dramática, matemática, etc. Agora compreendo que estar no mundo é estar em linguagem e nela cabe a pluralidade de todos os sentidos que decidimos narrar do mundo.

As dimensões languageiras do viver, presentes no lugar e tempo cotidiano, é que provocam os sentidos do discurso. A inquietude de pensar com os sons, emergiu da experiência poética de compor um tempo e espaço na escola: *Proibido não Tocar*. Foi necessário o tempo para provar as materialidades sonoras, procurar panelas, separar sementes, juntar paletes, comprar canos, escutar outras artes sonoras realizadas em diferentes culturas ao redor do mundo, classificar, martelar,... Tudo isso para entender que, “primeiro vem à experiência e logo as palavras que encontramos para nomeá-las.” (BÁRCENA; MÈLICH, 2000, p. 79 apud BERLE; MURILLO, 2013)

Iniciei este trabalho falando em dar continuidade a uma experiência vivida na graduação. O que ressoa em mim agora não é a palavra continuidade mas sim convivência, porque a Instalação Sonora inventou mundos de sentidos experimentados na condição de ser professora de Educação Infantil da escola pública brasileira. As parcerias consolidadas no

Curso de Especialização (UFRGS), no grupo de pesquisa do Espaço de Criação Musical, no Lince (UNISC) e junto ao grupo de professoras da Zozina é que qualificam de fato nossas práticas pedagógicas. Essa foi apenas uma ação experimentada institucionalmente. O foco na dimensão sonora foi uma escolha para contemplar a complexidade do universo musical. Porém, são essas, ações (aparentemente) simples que provocam a sensibilidade da escuta.

Mais uma vez vivenciei uma experiência incrível e extremamente gratificante, onde a alegria, o conhecimento e a emoção estiveram constantemente presentes, evidenciando as inúmeras e complexas potencialidades que o trabalho com música na Educação Infantil possibilita. Compreendo que a docência é um exercício de criação, em constante movimento. A paixão de **encontrar provocações** pode ser o ensinamento que a infância nos convida a escutar.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete. **A criança interroga a infância**. In: CAMARGO, Ieda de (Org). Sociedade atual: nós e o outro. Santa Cruz do Sul: LupaGraf, 2013
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2 ed, 1981.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: As infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.
- BERLE, Simone; MURILLO, Márcia. **Lugares da infância**: mundo comum e linguagem. Palestra 6º seminário de Infância e Educação. Santa Cruz do Sul, 9 a 11 de outubro de 2013. UNISC/UERGS
- BERNARDI, Luigi; SEDIOLI, Arianna. **Paesaggi sonori di una città**. Milano: Mazzotta, 2002.
- BITTENCOURT, Ariane Carolina Boscardini. **Balangandã Sonoro**: Uma sugestão de material didático para trabalhar o "barulhar" das crianças na Educação Infantil. São Leopoldo, 2011/2. 77 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Unisinos.
- BOHENEM, Rosimeri; KOPP, Felipe Augusto; RICHTER, Sandra Regina (orientador). Espaços de linguagem e imaginação poética na infância. In: XI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA PUCRS. Agosto 2010. p.1-2. Departamento de Letras e Departamento de Educação, UNISC – Universidade de Santa Cruz do sul. Disponível em: <http://www.edipucrs.com.br/XISalaoIC/Ciencias_Humanas/Educacao/84092-FELIPEAUGUSTOKOPP.pdf>. Acessado em 10 maio 2011.

BRITO, Teca de Alencar. **Koellreuter educador**: o humano como objetivo da educação musical. São Paulo: Peiropolis, 2001.

BOURSCHEID, Clarisse de Campos. **Escuta estética/poética na creche**: encontros musicais com bebês e crianças pequenas. Santa Cruz, 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UNISC.

CABANELLAS, Isabel; HOYUELOS, Alfredo. **Momentos**. Entre cantos e balbuceos. Pamplona: Universidade Publica de Navarra, 1998.

CAMPESATO, Lílian IAZZETTA, Fernando. **Som, espaço e tempo na arte sonora**. Brasília: XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Música (ANPPOM), 2006. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/iazzetta/papers/anppom_2006.pdf> Acessado em: 15/12/2013

CANTON, Katia. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da.(Org.) **As Artes no universo infantil**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**: A organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LINO, Dulcimarta Lemos. **BARULHAR**: a escuta sensível da música nas culturas da infância. 2008. Porto Alegre, 2008. 392 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS.

LINO, Dulcimarta Lemos. **Barulhar**: A música das crianças. Revista da ABEM, n.24, setembro 2010. Porto Alegre: Associação Brasileira de Educação Musical, 2010. p.81-88

PINTO, Manuel;SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças e a infância:** definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M.; SARMENTO, M. (Orgs) *As crianças contextos e identidades*. Minho: CE1,1997. p.74-92.

PIRES, Maria Cristina de Campos. O som como linguagem e manifestação da primeira infância. **Revista Pátio Educação Infantil**. Ano III, n. 8, p.45 - 47, jul/out 2005. Porto Alegre, RS, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15658>> Acessado em: 03 abril 2011.

RICHTER, Sandra Regina Simonis. **A creche como contexto de vida coletiva**. Palestra Curso de extensão, NEB UNISC – GT Educação Infantil/ Grupos de pesquisa LINCE/UNISC e GEIN/UFRGS. Santa Cruz do Sul, 18 de maio de 2013.

RICHTER, Sandra Regina Simonis. **A dimensão ficcional da arte na educação da infância**. Porto Alegre, 2005. 289 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS.

RICHTER, Sandra. **Criança e Pintura:** ação e paixão do conhecer. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.

SANTANA, Helena Maria da Silva; SANTANA, Maria do Rosário da Silva. **Ver o som - ouvir a Arte**. Aveiro: Actas do 2º Congresso Internacional de Aprendizagem na Educação de Infância, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10773/5558>> Acessado em: 15/12/2013.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da Infância nas encruzilhadas da segunda modernidade**. Instituto de estudos da criança Universidade do Minho, 2001 Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/encruzilhadas.pdf>. Acessado em 18 maio 2011.

SCHAFER, R. Murray. **Educação Sonora**: 100 exercícios de escuta e criação de sons; tradução de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

SCHAFER, R. Murray. **O Ouvido Pensante**. Tradução de Marisa Trench de O. Fonterrada. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

TONUCCI. Francesco. **Quando as crianças dizem agora chega**. Tradução Alba Olmi. Porto Alegre: Artmed, 2005.

9ª BIENAL do MERCOSUL. **Material Didático para Professores**: Manual para curiosos. Porto Alegre, 2013

ANEXOS – AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM



AUTORIZAÇÃO DE PASSEIOS E DE USO DE IMAGEM:

Eu Miriam Mallmann Prates, portadora da Cédula de Identidade RG nº 8037516492, diretora da EMEI Professora Zozina S. de Oliveira, portaria número 474/2012, **AUTORIZO** a professora Ariane Carolina Boscardini Bittencourt a divulgar imagens dos alunos da escola, em todo e qualquer material entre fotos, documentos e outros meios de comunicação, utilizados na divulgação do trabalho pedagógico da Escola durante o período de sua pesquisa para o curso de Especialização de docência na educação infantil.

Novo Hamburgo, 11 de fevereiro de 2014

Miriam Mallmann Prates
Diretora
Portaria 474/2012

Escola Municipal de Educação Infantil
Prof.ª Zozina S. de Oliveira
RS 239 - Nº 2415 - Bairro Vila Nova
Novo Hamburgo - 352 8050
LEI MUNICIPAL Nº 2.198/2010
PARECER CME Nº 03/2010